



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

EDUCAÇÃO E LÓGICAS MATERNAIS: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE¹

Eixo Temático 12 - GÊNERO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS DO TEMPO PRESENTE

Débora dos Reis Silva Backes²
Juliana Farias Santos³
Claudia de Medeiros Lima⁴
Dinamara Garcia Feldens⁵
Gleidiane Mascena de Assis⁶

RESUMO

Pautando-se nos referenciais teóricos como Badinter (1985) e O'Reilly (2016), esse estudo avizinha as relações entre maternidade e Educação para pensar a representatividade feminina no âmbito do ensino superior, estudando os percursos das discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe perpassados pelas relações de gênero, perspectivando processos educativos que possam confrontar exclusões. Entrevistas semiestruturadas permitiram às estudantes narrarem suas histórias de vida, perpassando pela escolha da graduação; cotidiano familiar, sobretudo pela experiência do exercício materno e, também, das vivências acadêmicas. A pesquisa nos possibilitou perceber o quanto corpos que maternam são assujeitados nos mais variados espaços, aqui especificamente, no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia, Universidade, Maternidade e Maternagem.

¹Artigo resultante de pesquisa desenvolvida através do Edital temático n.º 02/2023 COPES/POSGRAP/UFS-Representatividade Feminina no ambiente acadêmico. O recurso deste edital é oriundo da POSGRAP-Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/UFS

²Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, debsilvabac@gmail.com

³Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, juliana22fsantos1@gmail.com

⁴Doutora em Educação - Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, IFBA, clamed.lima@gmail.com

⁵Pós-doutora em Educação pela Universidade Complutense de Madrid/UCM. Docente Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, dinagfeldens@gmail.com

⁶Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal de Sergipe, UFS, gleidsouassim@hotmail.com



PERCURSOS INICIAIS

Esse estudo surge como subprojeto de mestrado desenvolvido por uma das autoras deste trabalho no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Partimos da consideração acerca do processo de feminização do magistério, que se desenvolve sobre paradigmas da vocação feminina natural e universal para o exercício da docência, corroborando para a construção de um imaginário social e a consequente opressão de gênero, comum das sociedades capitalistas patriarcais. No enredo dessa cadeia de significados construídos, o cuidado, por exemplo, é compreendido como uma característica essencialmente feminina e, quando associado às atividades profissionais, um dever moral da mulher.

Freire (2020) destaca que a inserção das mulheres na educação escolar brasileira ganha importância somente no momento da consolidação da revolução industrial, quando a demanda educacional no país aumenta. Dessa forma, o magistério surge como possibilidade profissional pública aliada ao papel materno. (Vasconcelos, 2022; Da Silva Santos, 2021).

Se o número expressivo de estudantes mulheres nas licenciaturas, muitas delas mães, favoreceu a ampliação das pesquisas realizadas na área da Educação, a intersecção entre maternidade e universidade, portanto, revela-se como pauta necessária. (Macêdo, 2020; Gomes, 2020; Caldas, 2022; Pereira, 2022; Oliveira, 2022).

Dessa forma, perscrutar a dupla ou tripla jornada destas estudantes compõe um movimento importante que seguimos pela busca de produção de conhecimento acerca dos atravessamentos entre o maternar e o professorar em seus desafios, limites e possibilidades.

Ao propormos conhecer como as estudantes mães do curso de Pedagogia da UFS conciliam vida acadêmica e maternidade, vislumbramos entender os elementos que impactam esse caminhar na universidade, traçando questões pessoais e institucionais relacionadas à permanência delas na universidade.



CAMINHO METODOLÓGICO

Para investigação, adotamos uma perspectiva qualitativa, dada a maior flexibilidade no ato de pesquisar na relação com os objetivos traçados (Minayo, 2001), enquanto a busca pela dialogicidade com as participantes da pesquisa nos levou ao desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas (Amado e Ferreira, 2013).

O processo investigativo foi desenvolvido em quatro etapas. Na primeira, realizamos leituras e grupos de discussões. Na segunda, elegemos temas principais e elaboramos o roteiro semiestruturado com quatro questões para nortear a narrativa das participantes (escolha da graduação; cotidiano familiar; experiência do exercício materno e, vivências acadêmicas). Já no terceiro momento, realizamos entrevistas com quatro estudantes⁷ do curso de Pedagogia. Na quarta e última etapa realizamos as análises das informações produzidas.

Nunca se faz demasiado lembrar sobre o sigilo e a garantia do anonimato das participantes, cujos nomes aqui são fictícios. As entrevistas ocorreram de forma presencial nos espaços comuns da universidade e foram gravadas. Após as audições destas, transcrevemos e organizamos os temas iniciais de acordo com a técnica da análise de conteúdo para, seguidamente, adotar os quadros comparativos. Nestes, levantamos os temas recorrentes que surgiram nas narrativas das estudantes. De acordo com a frequência simples, elaboramos as três categorias finais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos movimentos estabelecidos nos encontros com as alunas e os elementos que emergiram de suas falas, surgem as categorias: Culpa materna: coisa de mãe; O acolhimento para quem cuida e O não-lugar da maternidade: discussões sobre permanência das estudantes mães na universidade, que vamos apresentar em seguida.

Culpa materna: coisa de mãe?

⁷ Estudantes mães do curso de Pedagogia campus São Cristóvão, de qualquer período letivo, com qualquer número de filhos.



A maternidade centralizada na figura da mãe nem sempre existiu. Ela é produto de uma construção histórica, que remonta ao início do século XIX e é fundamentada no fortalecimento do capitalismo de base patriarcal, que produziu as desigualdades de gênero e estruturou identidades e papéis sociais de acordo com o sexo.

Ao corpo categorizado como mulher, reforçou-se uma responsabilidade central no cuidado com crianças. Badinter (1985) declara que, após 1790, os discursos sobre a grande responsabilidade da mulher (ser mãe, cuidar da prole) foram se proliferando socialmente e sendo amparados por saberes científicos, que a convocaram para essa obrigação e fortaleceram a ideia de “instinto materno”.

As formas de tornar-se mãe na contemporaneidade são permeadas de determinações relacionadas à própria escolha da maternidade. A escolha de engravidar, portanto é tida como natural do seu papel biológico.

Nota-se na fala de Margarida como a ideia desse instinto materno consensuado se manifestou na sua vida, a ponto dela mesma se cobrar por não conseguir dar conta de tudo. A autocobrança surge como um ativador da culpa, um sentimento que pode gerar outros males.

[...] eu tenho que cuidar do meu filho e educar ele perfeitamente”, mas a gente não consegue [...] E a gente se cobra tanto que o pior é a nossa cabeça, entendeu? então essa questão da cobrança é muito complicada porque mexe com o nosso psicológico (Margarida)

No caso da Jasmim e da Hortência, percebe-se que a questão da cobrança pela obrigatoriedade de maternar vem do meio social, perpetuando a ideia da mãe suficientemente boa. Ambas afirmam sobre a dificuldade de estar na universidade e “ausente” para os filhos.

[...] eu tenho que estar sempre trabalhando com ela coisas que me julgam não ser o suficiente. É muito complicado [...] no caso minha, por estar vindo aqui, né? à academia, e estar deixando ela em casa. (Jasmim)

Eu percebi que às vezes eu acabo ficando muito ausente também. Às vezes eu saio às seis e só cheio meia-noite. Isso meio que deixa ela um pouco carente, na ausência de mãe. (Hortência)



Rosa relata do seu cansaço para atender as demandas maternas e acadêmicas, enquanto Hortência diz como faz para dar conta de tudo:

Então isso me cansa muito, porque eu tenho que fazer minhas atividades de madrugada... porque se eu parar um minuto para estudar ele fica chamando. (Rosa)

Isso me custa algumas madrugadas, [risos] alguns finais de semana, mas eu consigo assim, nunca... isso nunca atrapalhou na questão do meu rendimento em si mesmo. (Hortência)

Além da questão sobre a conciliação do maternar com a universidade, observamos a demanda dos afazeres domésticos como responsabilidade único e exclusivo da mulher.

[...] eu estudando, mesmo tendo outras coisas, tarefas para fazer em casa, eu tenho que administrar o meu tempo com ele, com a faculdade, com as tarefas de casa e isso é muito complicado para mim, entendeu? (Margarida)

Notamos nas narrativas, também, algumas estratégias que para amenizar as questões de ausência na maternagem que podem estar subvertendo a rotina acadêmica como uma questão de ordem para as estudantes e mães:

às vezes eu trago ela de supetão aqui para as aulas porque ela super me pede e sempre quer estar. [...] porque ser mãe não é para ser um peso, é para ser leve. Eu não tenho que carregar sozinha [...] o período acadêmico que puder trazer, traga. Se puder, peça ajuda (Jasmim)

O acolhimento para quem cuida

A função de uma rede de apoio materno é assumir tarefas que ajudam os responsáveis pela criança a se dedicar também a sua recuperação física, emocional e social e adaptação. Em seus estudos (Ruddick, 1995 *apud* O'Reilly, 2016) utiliza o termo "mãe" para se referir a qualquer pessoa que assuma as responsabilidades pela vida de uma criança ou a qualquer adulto(a) que considere os cuidados infantis como parte importante de sua vida pessoal ou profissional.



Quanto a esta questão, as narrativas giram em torno da falta de suporte e pouco esclarecimento dos direitos das estudantes mães:

[...] Então, em relação a universidade eu nunca tive um acolhimento assim [...] assim, eu nem precisava ter trancado. Depois que eu fiquei sabendo e tal [...] eu acho que a coordenação precisa estar orientando esses direitos que a mãe pedagoga tem dentro da universidade (Rosa)

De modo geral, as alunas (mães) entrevistadas, entendem como rede de apoio somente os pais e familiares da criança, deixando evidente uma limitação em relação à compreensão do significado sobre acolhimento.

Ainda sobre as dificuldades entre a conciliação da maternagem e da vida acadêmica, Jasmim acrescenta que, muitas vezes, recorre a ajuda de outras pessoas para cuidar da filha, mas alerta que lida com o conflito de desejar estar em casa com a filha, enquanto precisa estar na universidade.

Precisamos de outras pessoas para auxiliar, porque às vezes a gente só queria estar em casa, né? Estar cuidando [...] quando eu chego em casa já meia noite e meia, por aí. E já tem que acordar cedo para trabalhar. Então não é fácil (Jasmim)

No caso da Rosa, que conta com rede de apoio permanente, ela narra como foram suas estratégias para passar pelo período de amamentação enquanto estudava.

É assim, toda vez que eu estava na universidade, meu esposo ficava com ele... fica até hoje. Quando não, é nas horas de amamentação... ele levava para a universidade, eu dava uma paradinha, ele ficava no carro [...] me aguardando. (Rosa)

A narrativa de Rosa evidencia a ausência de espaços de acolhimento para o filho, enquanto a mãe precisa estudar, reforçando a necessidade de criação destes, ao menos, durante o período de amamentação.

O não-lugar da maternidade: discussões sobre permanência das estudantes mães na universidade



Então eu tive que trancar no primeiro período. Aí no segundo eu tive que selecionar as matérias, pegar uma ou duas vezes na semana para estar mais com ele [...] Então, é essa divisão de atenção. (Rosa)

[...] eu precisei trancar um período porque eu não conseguia ninguém para poder ficar com o meu filho quando eu ia estudar [...] então eu acabei atrasando muitas disciplinas [...] eu percebo que eu atrasei o curso. (Margarida)

As narrativas da Rosa e da Margarida se encontram ao relatarem sobre o trancamento do curso e nos critérios utilizados para selecionar as disciplinas ofertadas no período para conciliar com as atividades maternas. Percebemos, inclusive, que ambas demonstram certo pesar por terem trancado algumas disciplinas, prejudicando o andamento do curso.

As entrevistadas seguem relatando sobre as dificuldades encontradas na vida acadêmica durante a maternagem:

eu sou do interior... então eu preciso me articular toda... é... todo o semestre, né? Todo o período para que minha filha possa ficar com alguém. [...] Tem o desafio de ser mãe e estar aqui todas as noites [...] (Jasmim)

[...]porque quem é universitário sabe, né? Tem muita coisa para fazer dependendo da...da disciplina que pegar tem muita coisa, muita demanda de atividades, de textos [...] Durmo muito tarde para poder entregar, ou tentar colocar ele para dormir mais cedo [...] às vezes não dá e a gente tem que escolher. Eu, no meu caso, que tive que atrasar o curso para ter alguns momentos com o meu filho. (Margarida)

Eu acho que o desafio é, por exemplo, você continuar no curso e não ter um espaço para deixar seu filho. [...] Porque se a universidade tivesse uma creche, né? Porque eu ia estar ali perto (Rosa)

Durante as entrevistas, surge a questão do auxílio creche ofertado pela universidade aos estudantes com filho(s) em idade entre três meses e seis anos incompletos, no valor de duzentos reais, que elas afirmam não contemplar todas as estudantes, pois a seleção é feita mediante avaliação socioeconômica e o recebimento do mesmo está condicionado a disponibilidade orçamentária e à quantidade de vagas.



Eu acho que a universidade que tem que rever essa política e procurar fazer uma creche dentro da universidade, embora hoje tenha auxílio, né? Mas eu não sei se esse auxílio alcança todas as mães que precisam, né? (Hortência)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as lógicas maternais foram sendo construídas discursivamente ao longo da história sob os auspícios da reprodução e do cuidado, notamos que as dificuldades experienciadas pelas entrevistadas seguem corroborando para tal realidade. Nessa perspectiva, identificamos a presença da ideia do instinto materno alicerçado sobre a função biológica feminina manifesto através da culpa e da sobrecarga dessas mulheres, mães estudantes.

A ausência de rede de apoio prevaemente nas narrativas, destaca a solidão da maternagem, que vem gerando conflitos internos nessas jovens mães, assim como, destaca a necessidade da criação de espaços que possibilitem a permanência dessas alunas mães.

A privação da participação ativa das estudantes mães na vida política da universidade reforça a necessidade de continuarmos o debate acerca dos desafios impostos na conciliação da maternidade com as atividades acadêmicas, tendo em vista o esquadramento de possibilidades desestruturantes dos saberes hegemônicos e das lógicas excludentes, desiguais e discriminatórias.

REFERÊNCIAS

AMADO, João; FERREIRA, Sónia. A Entrevista na Investigação Educacional. In: **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 1985. Rio de Janeiro: Nova, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.



CALDAS, Jacyara dos Santos. **Coletivos feministas de mães universitárias: apoio mútuo e luta por institucional.** 2022.

CORTAZZI, M. **Narrative analysis.** London: Falmer Press, 1993.

DA SILVA SANTOS, Simeire; DE LANA COSTA, Luciana Raimunda; CUSTÓDIO, Regiane Cristina. AS MULHERES COMO EDUCADORAS: a feminização no magistério. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 8, n. 25, 2022.

FREIRE, Juliana Alice Costa; DE MEDEIROS, Jarles Lopes. **O processo de feminização do magistério no brasil: Um olhar histórico educacionais**, p. 513. 2020.

GOMES, Lúcia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica.** 2020.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Franciele da Silva et al. **Maternidade e vida acadêmica: memórias e narrativas de mães universitárias.** 2022.

O'REILLY, Andrea. Precisamos falar sobre a Maternidade Patriarcal. **Jornal da Iniciativa Maternidade para Pesquisa e Envolvimento Comunitário**, v. 1, 2016.

PEREIRA, Antonio Lucas Lira; DOS SANTOS, Bruna Garcia; DA SILVA, Luana Renata. Mães universitárias: a luta pela conciliação da maternidade com a universidade. **South American Development Society Journal**, v. 8, n. 23, p. 152, 2022.

RUDDICK, Sara. **Maternal thinking: towards a politics of peace.** Boston: Beacon Press, 1995.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; DA SILVA, Márcia Cabral; VIEIRA, Cristina Maria Coimbra. História de mulheres e educação: transgressões, resistências e empoderamentos. **Revista Teias**, v. 23, n. 70, p. 2-11, 2022.